

II Coletânea

POESIA DE QUARTA



Organização
Daniel Andrade

ORGANIZADOR
Daniel Andrade

COLABORADORES
Diego Nogueira Dantas
David Emanuell

II Coletânea

POESIA DE QUARTA



Cajazeiras-PB
2021



DIAGRAMAÇÃO

Daniel Andrade

ARTE DA CAPA

Regina Pereira

FOTO DA ARTE DA CAPA

Emanuel (ejhonsphotografy)

AVALIADORES

Carlos Gildemar Pontes

Elinaldo Menezes Braga

Francisco Igor Arraes Alves Rocha

Gabriela Almeida Pinheiro

COMITÊ EDITORIAL

Coletivo Poesia de Quarta

Biblioteca Campus Cajazeiras - IFPB

Núcleo de Comunicação, Cultura e Artes - NUCCA/IFPB

REALIZAÇÃO

Coletivo Poesia de Quarta

IFPB - Campus Cajazeiras

Biblioteca Campus Cajazeiras - IFPB

Núcleo de Comunicação, Cultura e Artes - NUCCA/IFPB/CZ

Atenção! Todos os textos são de responsabilidade dos autores.

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Daniel Andrade CRB - 15/593

C694

II Coletânea Poesia de Quarta / Organização Daniel Andrade; colaboradores Diego Nogueira Dantas e David Emanuell.- Cajazeiras, PB: Coletivo Poesia de Quarta, 2021.
1 PDF.

ISBN: 978-65-00-27100-3 (PDF)

1. Poesia Brasileira 2. Literatura Brasileira 3. Extensão Cultural I. Título

CDU 82(81)-1

SUMÁRIO

II Coletânea poesia de quarta	7
O eu, aqui, somos nós	9
Linha torta	13
Uma flor drummondiana	14
Teu corpo	16
Vísceras no asfalto	18
Marco literário	19
Estamos sós	20
Eu lírico	22
Mãos de Fátima	23
Por trás de uma história é mais que um lar	24
O olho de 2020	28
À Mandela ou à Zumbi!	31
Cabelos gris	32
O Menino ZÉ	34
Abiose II	43
A flacidez das palavras	44
Amor em tempo de guerra	45

Palavras	47
Salve sua majestade, liberdade interior	48
Saudade	52
O prélio do amor sem fim!	53
Caos, trago e reza	54
Soneto de contemplação	56
A flor do dia	57
Flores	58
Crianças entre carros	59
Vivencias em tempos pandêmicos: até quando?	60
Escancararam Ela	62
O mundo precisa de nós	64
Cotidiano	65
Partidas	66

II COLETÂNEA POESIA DE QUARTA

Quando o mundo caminhava “normalmente” nós costumávamos reunir vários poetas e poetisas, além de amantes da poesia e curiosos, toda a primeira quarta de cada mês, desde 2018, no Núcleo de Extensão Cultural da UFCG - NEC, para juntos celebrarmos um sarau cheio de música poesia e alegria. Nossa ideia era rivalizar com o “sagrado” futebol dos amantes da bola e da TV.

Nossa encrenca com Charles Miller deu certo demais. Já estamos fazendo poesia há 3 anos e esse livro é nossa 2ª coletânea, que reúne 30 poemas, selecionados através das Regras de Submissão da 2ª Coletânea Poesia de Quarta, amplamente divulgadas nas redes sociais, imprensa local e Portal do IFPB.

Os poemas inscritos foram avaliados pelos Professores Dr. Carlos Gildemar Pontes, Professor Me. Elinaldo Menezes Braga, Professor Me. Francisco Igor Arraes Alves Rocha e pela graduanda de letras e poetisa Gabriela Almeida Pinheiro. Foram 73 inscrições de participantes com idade entre 18 e 60 anos, de várias cidades da Paraíba e do Brasil, com destaque para Cajazeiras-PB que emplacou 41,9% dos inscritos.

Publicar um livro no Brasil continua sendo um grande desafio para escritores dos mais diversos gêneros literários, quiçá àqueles que enveredaram pelo caminho da poesia que é tida como uma arte menor, graças ao equivocado preconceito de muitas pessoas em pleno século XXI.

Coletivo Poesia de Quarta

O EU, AQUI, SOMOS NÓS

A educação permeada de vivências culturais possibilita a construção de situações de aprendizagem que nos despertam para a nossa realidade, muitas vezes escondidas sob o véu de narrativas hegemônicas dos vencedores de sempre. A partir do momento em que estamos cientes do nosso lugar no mundo, possibilitamos as vestes para nos posicionarmos enquanto autores de novas narrativas e realidades.

O projeto cultural da 2ª Coletânea Poesia de Quarta, desenvolvido como prática extensionista do Coletivo Poesia de Quarta, associado ao IFPB campus Cajazeiras, é uma dessas ações fundamentais de cultura no contexto da educação que traz ganhos incomensuráveis a qualquer plano formalista de avaliação.

Em um país de imensidão de pessoas iletradas ou que o livro e a leitura têm pouco espaço nas residências, essa ação é revolucionária ao passo que oportuniza seus participantes enquanto seres criativos, convida a enxergar o que ninguém ainda observou, a refletir ao que aparenta ser óbvio mas que depende do olhar de cada um (a).

Participam discentes, técnicos-administrativos e docentes do campus Cajazeiras, servidores e discentes de outras instituições de educação, poetas e pessoas em geral que se descobrem poetas nesse chamamento ou nos espaços de vivência cultural proporcionados pelo coletivo. De modo que o Coletivo Poesia de Quarta tem colaborado de forma importante para o cumprimento da missão institucional do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), contribuindo para as relações comunitárias no âmbito do contexto institucional, e fortalecendo a perspectiva da educação omnilateral, que visa formar pessoas para atuação no mundo do trabalho, de modo que as capacidades técnicas e teóricas estejam em completa sintonia com o desenvolvimento das dimensões humana e social, intrínsecas ao trabalho e a vida social dos trabalhadores.

Muito se fala que a escola, que permite esses encontros, se configura como espaço de construção cidadã, de inclusão, de justiça social, de compromisso com a democracia e com o desenvolvimento sustentável. E neste caso, a coletânea

nos apresenta uma resposta concreta sobre a escola dos sonhos que vislumbramos no campo das ideias ou abstratamente em muitos marcos normativos.

Enquanto ação cultural libertadora, a coletânea dá sentido ao processo educativo pois tende a romper com a passividade no ambiente educacional. Quem escreve, pensa! Quem escreve, reflexiona! E nada mais revigorante do que ver essa ação brotar da biblioteca Professor Ribamar da Silva que, coordenada pelo bibliotecário Daniel Andrade, tem existido para muito além do empréstimo de livros necessários ao cumprimento dos componentes curriculares tradicionais. A biblioteca, articulada com o Núcleo de Comunicação, Cultura e Artes (NUCCA) tem se mostrado como espaço que estimula vivências na constante busca por alimentar uma comunidade de leitorxs e criadorxs. Não poderia ser diferente na terra que ensinou a Paraíba a ler. O eu, aqui, somos nós, que fala(m) para muitxs.

George Glauber Felix Severo - Diretor de Cultura da PROEXC-IFPB

HORA DO SARAU

Linha torta

Hoje eu ando em linha torta.
Não tenho poemas sobre reta.

Já fui daqueles campeões de imensos feitos, de glórias infindas.

Tratei o mundo com a pequenez do idiota.
Dei o tapa por vezes entendido necessário, superior.
Achei que os que ficaram para trás mereciam justa causa.
E talvez por isso eu tenha vários títulos,
Várias homenagens que eu mesmo me dei.

Ainda continuo sendo campeão.
Porém, de título duvidoso.
E se o Pessoa tivesse vivo
Conheceria quem mais leva porrada
Num cotidiano por vezes doloroso.

Sobre o autor: George Ardilles da Silva Jardim é natural de Bom Jesus da Lapa-BA. Lançou em 2009 a primeira edição do seu livro de estreia "Poemas de Meio-fio", com segunda edição lançada em 2020. Foi selecionado para compor antologias da Câmara Brasileira de Jovens Escritores e também do 5º Prêmio Literário Canon de Poesia 2012. Seu novo livro de poesias, "Externo", será lançado em 2021.

Uma flor drummondiana

O poeta encontra uma pedra
No caminho da vida
E da história.
Pedra que desperta
Para a sua condição,
De arauto da vida,
Testemunha do tempo.

Na estrada do tempo,
A voz dos mudos,
Dos prisioneiros,
Dos sem tempo.

A poesia nasce na rua,
Como a flor
Que desbotada
Rompe o asfalto
E estranha as vistas cansadas.
Não tinha agrado nem atrativo
Para os olhos.
Não tinha aparência agradável.

Sofredora,
Desprezada,
Sem nome,
Quebra o tédio da cidade,
Da vida.
Fura as almas,
Brota no tempo,
Mas não se desmancha
No ar.

Sobre o autor: *Ciro Leandro Costa da Fonsêca* foi selecionado em terceiro lugar no Prêmio Literário Escritor Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) de 2017, promovido pelo Centro de Integração Empresa Escola (CIEE), em parceria com a Academia Brasileira de Letras (ABL); e do terceiro lugar do Concurso de Monografias O Cearense 2018: uma releitura da obra clássica de Parsifal Barroso, no ano de 2018, promovido pelo Instituto Myra Eliane. Foi finalista com a obra "A pequena aprendiz de rezadeira", em terceiro lugar, na região Nordeste e em sexto no geral, no II Prêmio Oliveira Silveira - Literatura Infantojuvenil de 2019, da Fundação Cultural Palmares. Autor de diversos artigos, publicados em livros e periódicos sobre a memória e a identidade cultural do município de Luís Gomes-RN e dos estados do Nordeste.

Teu corpo

Se me deres teu corpo de aço
Eu serei teu torneiro perito
O esmeril te ajustando os pedaços
Minha chama esguichando, teu grito.
Meu fulgor te queimando as entranhas
Como fornos de mil Alemanhas
Tua carne pingando no chão
E dirás: de onde tal homem veio?
Os meus dentes cravados em teu seio
Os teus olhos perdidos no vã

Se me deres teu corpo de bronze
Não te consumirá a ferrugem
Chegarei sempre antes das onze
Soprarei de tua face a fuligem
O teu corpo de estátua ancorada
Tua imagem na água parada
Minhas mãos te evitando tocar
Minha língua lavando teu dorso
Os meus dentes cravados em teu pescoço
Os teus olhos perdidos no mar

Se me deres teu corpo de prata
Tomarei como meu amuleto
Deixarei outros corpos de lata
Deitarei sobre o teu esqueleto
Um museu guarda o teu monumento
Um Romeu te polindo ao vento
Minhas mãos te querendo lixar

E dirás: ah, que doce destino.
O tremor do teu corpo argentino
Os teus olhos perdidos no ar

Se me deres teu corpo de ouro
Não terás que enfrentar fundição
Guardarei tal se guarda um tesouro
Entre as fibras do meu coração
Tua pele de tanto quilate
Teu valor quase é um disparate
Meu olhar de ourives ruim
O teu ventre de ouro maciço
Teu desejo esperando por isso
Os teus olhos perdidos em mim

Sobre o autor: Anselmo Lima de Oliveira é poeta, compositor e músico popular.

Visceras no asfalto

Meu corpo nu de sentir,
Inerte sob a materialidade que o ancora.
Rasgado por esmagamento,
Em minha última hora.

Minhas faces internas, ainda rosadas
Contrastam com os tons negros do chão.
Não há mais movimento em meu sangue ou coração..

Agora, o que me resta é o desconhecido.
Que embora sabido,
Inevitável e fatal
Alcança-me, sem dar qualquer sinal.

Hão de apodrecer os meus tecidos,
E aqueles que eu havia roído
Adiante me roerão.

Sobre o autor: Italo Anderson Duarte Nunes é construtor de imagens, marginal por reivindicação e por reconhecimento, desprovido de qualquer tipo de talento ou notoriedade, amante do feio e suas implicações.

Marco literário

Aponta o dedo
Com a ponta do lápis.
A sua chave conectiva
Exclui uma parte.

Cunha à vista
O movimento sintaxe e
Reivindica o permanente dito.

Falsifica em crase,
Fecha-se lacrado,
Acusa lacrativo...

Literato práxis,
Insinua diminutivo
E tende a achar ridículo
Tudo que não é de praxe.

Sobre a autora: Clareanna Viveiros Santana é natural de Eunápolis-BA. Participa do grupo musical e ponto de cultura Viola de Bolso localizado em Eunápolis-BA, sua cidade natal. Publicou fanzines digitais de forma independente, tem alguns poemas publicados em coletâneas, revistas digitais e no seu perfil @clareamente (Instagram). Rebento, livro de poemas eróticos que está no prelo, será a sua primeira publicação solo.

Estamos sós

Estamos sós
Não num quarto sombrio
Em meio ao som, cheios de brio
Estamos sós
Na rua, na lua
Eu na minha, você na sua
Estamos sós
Casados, solteiros
Na igreja ou num puteiro
Estamos sós
Família é fantasia, relação é utopia
Seja na cama ou na pia
Estamos sós
Você não entende, se acha o cara
A cara da satisfação
Mas tudo é ilusão
Estamos sós
Na escola, no trabalho, na vagabundagem
O outro é só miragem
Estamos sós
Isso não é revolta nem filosofia
Um palpite, talvez, uma agonia
Estamos sós
Deus não existe
Uma fake news que persiste
Estamos sós
Na alegria e na tristeza
Na saúde e na doença
Na riqueza e na pobreza
Estamos sós
Em uma rede de balanço

Ou naquela de conexões do ranço
Estamos sós
Eu
Tu
Ele
Ela
Nós
Estamos sós
No natal, no réveillon, no carnaval
Na ceia, na praia, na praça
Estamos sós
Com os bichos, bichinhos
Animais de estimação
Estaremos sozinhos
Estamos sós
Nas pedras da selva ou na selva de pedras
No início, no fim ou no meio do caminho
Estamos sós
Na tragédia, na comédia, na poesia
Fazendo ou não pornografia
Estamos sós
Tamos sós
Sós

Sobre o autor: Erik Viana Carlos Rodrigues é professor e poeta.

Eu lírico

Eu sou aquele verso declamado,
Poema escrito triste em pergaminho;
O vento sussurrante no caminho,
O corpo de um cavalo fustigado.
Girassol amputado no gramado,
Manuscrito esquecido num cantinho;
A sombra que se move em torvelinho,
O réu injustamente acusado.
Sou grito abafado no escuro,
Detrito abandonado no monturo,
Bandido em uma página da história.
Vestígio deglutido pela areia,
Sonâmbulo noturno que vagueia,
Persona sem passado, sem memória!

Sobre a autora: Raniery Dantas de Abrantes é natural da cidade de Sousa, sertão da Paraíba. É editor do 'Jornal Poético Augusto dos Anjos' na Escola Cidadã Integral Técnica Estadual Papa Paulo VI, em João Pessoa-PB. Possui poemas em Antologias Nacionais, blogs, Revistas Eletrônicas e sites estaduais e nacionais. Na TV MASTER apresenta o Quadro "Café com Poesia", dentro do Programa "Café com Notícia". É poeta da Academia de Cordel do Vale do Paraíba (ACVPB), Cadeira nº 32, Patrono Manoel Cândido da Silva. Autor dos cordéis 'Um aprendiz no cordel'; 'Sivuca, o filho de Itabaiana' e 'O Fantasmilha do Verona'. Participou de importantes cordéis coletivos sobre variadas temáticas com poetas da Paraíba e do Brasil. Para 2021, estão prontos: 'Régis Soares: o chargista em cordel' e 'Bebé de Natércio em Redondilha Maior' (Premiado em 1º lugar no 2º Concurso Literário do IFPB que homenageou o músico, poeta cordelista, e professor de música aposentando da Instituição, Bebé de Natércio). É autor do livro 'Jardim de amores' (Ideia, 2015).

Mãos de Fátima

As mãos negras de minha mãe
Dizendo-me com as pontas dos dedos
Como eram lindos meus cabelos negros!

Ela não via que os dela também eram.

Mesmo sangue do ventre negro
De onde nasci.

Mesma cor quando sentada em seu colo
Nossos cabelos se misturavam num abraço de cor.

Mesmo sangue que todo mês me lembra vida.

Sobre a autora: Francielly Alves Pessoa é Leitora de mulheres e busca dar um pouco de sentido à vida por meio da linguagem literária. Publicou seu primeiro conto em 2018 na coletânea *Prosas de Oficina* (Editora Escaleras); prefaciou o livro de poemas *33*, de Eider Madeiros, em 2021, também pela Escaleras, e segue pesquisando sobre escritas de si.

Por trás de uma história é mais que um lar

1

No seio da Paraíba
Desfruta de primazia
Joia de rara beleza
Repleta de tal magia
Eis aqui o município
Chamado Santa Luzia.

2

Lá no século dezoito
Bem próxima à cachoeira
Uma imponente fazenda
Foi a terra pioneira
Em forma de doação
Por uma mão estrangeira.

3

Lá ergueu-se uma capela
Depois veio o povoado
Tudo isso bem em torno
Da tal fazenda de gado
Pouco a pouco foi crescendo
Ampliando seu traçado.

4

Esta terra deu a luz
Ao longo de sua história
A muitos filhos ilustres
Cobertos de muita glória
Por detrás das aparências
De natureza simplória.

5

A cidade é um espetáculo
De beleza natural
Praça, matriz, obelisco,
Tudo tão fenomenal
Com coreto e casarões
E uma estátua afinal.

6

Folclore bastante intenso
Passado de geração
O Reisado e a Cavalhada,
Tesouros da tradição
Quadrilha, Bumba-meu-boi.
Araruna e Camaleão.

7

Também vasto artesanato
Que esbanja variedade
A sua famosa louça
Madeira de qualidade
Vai além de seus bordados
Que remontam longa idade.

8

Na arte e literatura
Cordelista e cantador
Espalham seus lindos versos
Estrofes de tal valor
A poesia popular
Que alcança raro primor.

9

Porém toda essa cultura
Que a tanta gente fascina
Aquecendo aos corações
E a nossa vida ilumina
Com essa tal pandemia
Trouxe dor à nossa sina.

10

As festas silenciaram
Aqui não se dança mais
E tão belas cantorias
No escutam os jamaís
Nem vozes nem instrumentos
Aqui nos alegam mais.

11

Somente o som do silêncio
Perambula pelas ruas
Nossas calçadas e praças
Encontram-se todas nuas
Seus filhos seguem trancados
Choram de saudades suas.

12

Assim seguimos reclusos
Pela defesa da vida
Esperando pelo dia
Que estaremos de saída
Pra retomar nosso rumo
De maneira decidida.

13

Querida Santa Luzia

Mesmo estando separados
Estaremos sempre juntos
Corações enamorados
Nosso romance é eterno
Estamos determinados.

14

Eu espero pelo dia
Que vamos nos encontrar
Faremos tamanha festa
Tão linda de celebrar
Juntos comemoraremos
Pra não mais se separar.

15

Eu sinto em meu coração
Que o dia se encontra perto
Sairei por essas ruas
Mostrando um sorriso aberto
Pois está chegando a hora
Para mim é mais que certo.

16

Mas enquanto ele não chega
Eu curto a minha saudade
Esperando desde sempre
Pela nossa liberdade
Receberemos de volta
A nossa felicidade.

Sobre a autora: Maria do Desterro Medeiros é natural da cidade de Santa Luzia-PB, filha de agricultores e amante da cultura popular.

O olho de 2020

Tens uma rima, um ponto, um arremesso, um vazio?
Algum resquício do real, o fim do romantismo,
Da teoria, do discurso de si mesmo num traumatismo?
Uma ponte... Um desconto... Uma baliza... Uma corda... Um covil.

Desencanto!

Descanse. Tens um texto enamorado
Talvez sobre um receio desajustado?
Um ultraje, um espanto, um insulto ou só o silêncio?
Esqueça a reza esse martírio, esse incêndio.

Rebeldia!

Aprender a pegar a chave no fundo do poço,
Estourar a luz no fim do túnel
Retirar a cabeça afogada num tonel
Cortar a corda enlaçada no pescoço.

Tomar o leite derramado, jantar os sapos.
Tens um cano de esgoto, uma mortalha?
Algo que limpe o sangue da toalha,
Roupas sem corpos, novo uso pros trapos!

Um vício sem dono, uma praga adormecida?
O cano de uma arma, um tubo de ensaio
Ou canudo num sorvete, um colapso e o desmaio?
Uma descarga elétrica ou o desgosto duma torcida?

O gelo!

Olho um ferro, uma barata, um caminho pedregoso,

Uma saída interdita, uma garota que elucida...
Vejo um lugar que ilude a mente estarecida,
Uma visão futura achando-a num tempo arenoso.

A áspera espera e a distância, a falta de destino
Partindo o mundo em dois, uma lata de ervilha
Quem sabe um corpo ou só o intestino?
Álcool, gás, uma caneta um ronco ou uma vigília...

Traga uma vírgula, um açoitado, picada do inseto,
A alergia, o teatro... Todas as cartas do baralho.
Será aqui onde isso desaparece? Este caralho!
O mundo ficará durante muito tempo inepto.

Entraram na igreja e no governo.

O discurso sobe para o seio de Deus, proscênio.
Seu leite materno retalia os jovens do mundo,
São desígnios da comédia no universo do degredo.
Faces nas redes grunhindo, noites inteiras sem silêncio!

A crise!

Tens dois reais no bolso? Um espelho ou uma cicatriz?
Uma água sanitária ou o olho de um boi misterioso?
Acredita em cartas, aqueles volumes de aspecto rigoroso
Sem identidade e sem endereço, transtorno eficaz?

As mensagens de amor começaram a se desfazer.

Começaram a se desfazerem os rostos divinos
As exigências das verdades dos bovinos.
Falsa imagem de herói e mito sob a luz passou a derreter.

Eu noturno!

Tem alguma coisa no céu noturno
Que não permite ser visto,
Acho que é o vazio repleto de infinito.
Uma pedra não alcança a vidraça celeste,
Tentei despedaçá-la milhares de vezes.

Desloca e esvazia teu ar de ser,
Chocalha as tēmporas!
As potências e as riquezas azedaram
Nada será produtivo.
A derrota começou faz muito tempo
Nenhum santo virá cortar
Os pés das imagens distorcidas
A vida aqui não terá saída
O único caminho é ter coragem.

Sobre o autor: José Marcone dos Santos é artista plástico, ator, compositor, poeta, ilustrador, bibliotecário e produtor cultural. Cofundador do projeto de Ação Cultural de leitura e formação de leitores "Livres-se: recite um poema e ganhe um livro". Integra a Cia Mecane de Teatro, Cia Filhos de Pan de Teatro e o Coletivo FDP. É autor e colaborador dos livros: Os Teimosos e a Poesia do Contra (poeta e ilustrador) 2010; Porrada no juízo (poeta e ilustrador) 2017; Passarim, (ilustrador) 2019; O Poeta Matuto Marginal Na Sombra de 1984 (ilustrador) 2020; #MESADEPOESIA O Acaso Nos Livra do Descaso (poeta e ilustrador) 2020; Dança das juremas (ilustrador) 2021.

À Mandela ou à Zumbi!

Da África me veio o nome,
Com força e coragem nasci
E os filhos que escaparam à fome,
Todos de negro vesti!
Calaram-nos por séculos,
Mas agora hão de ouvir
Nossos tambores ancestrais,
Que recuar não leva a glória!
Contaremos nossa história
À Mandela ou à Zumbi!

Sobre o autor: Izael de Lima Júnior é nordestino de Moreno-PE, tornou-se amante do saber antes de tornar-se matemático e jurista. Servidor Público com muito gosto e convicção, crê na educação como o mais poderoso instrumento de transformação de vidas.

Cabelos gris

Aqueles destemidos
Fios gris
Sequenciados
Pelos espaços dos anos
Gentilmente cedidos,
Há um desejo emaranhado
Nos falhos pensamentos
Dos dedos
Que aguardam tocá-los.
As marcas do passado
Arquivadas no presente
Da cor encanecida,
Lapida os sonhos
Da querida não mais menina
Em se abandonar
Naquelas inatingíveis
E encantáveis filamentos.
E lá em sua pequena janela,
A menina imperatriz,
Meiga, terna, tão sua,
Sensual,
Escuta seu caminhar imoral
De imperador,
Às vezes, rude,
Outras vezes, terno, suave, cantor,
Tropeçar em palavras
Cochichadas na escuridão.
E aqueles cabelos gris
Transbordam em alegrias bobas
Da meninice,
Rendidos pelos encantos

Emoldurados
No olhar café preto
De sua musa.

Sobre a autora: Verônica Maria Santana da Silva Coêlho começou a escrever faz poucos anos. Por necessidade de expressar as emoções, sejam elas positivas ou negativas, através da escrita, de "dedilhar" palavras na folha em branco, que tinham urgência em falar. Não possui textos publicados, todos estão em rascunhos em um pequeno caderno.

O Menino ZÉ

1

Preste muita atenção
Eu agora vou contar
A História de um menino
Que gostava de estudar
É lá na zona rural
Que tudo vai começar

2

Foi no Século dezenove
Sua família aqui chegou
Vinda lá de Águas Belas
Pernambuco atrás ficou
Começando vida nova
Nesse chão que lhe abraçou

3

Novacentos e dezoito
Ano do seu nascimento
Em setembro dia quinze
Veio ao mundo o rebento
A família celebrou
Esse acontecimento

4

Era uma vez um menino
Que se chamava José
Do sítio para a cidade
Só podia vir a pé
Ele nunca reclamou
Era um menino de fé

5

A paisagem do lugar
"Zé" tinha admiração
Cactos e mandacarus
Palmas a vegetação
A Caatinga muito viva
Existente no sertão

6

Brincar ele não podia
Precisava estudar
Pra mudar a sua vida
Aos pais poder ajudar
Ter um pouco de conforto
Logo depois de formar

7

Aprendeu a comer fruta
Na sua alimentação
Assim como os legumes
Arroz, milho e feijão
Lá na roça do "Granhum"
Era essa a plantação

8

Ele andava muitas léguas
Até chegar à escola
Muitas águas na estrada
Com cuidado não atola
Casarão Viana Arrais
A Professora o consola

9

O seu nome era Balbina
Lídia Viana Arrais
Professora iluminada
De valores culturais
Ficou muito bem lembrada
Na História e seus anais

10

Os livros ele não tinha
Pegou tudo emprestado
Como era inteligente
Estudioso aplicado
Aprendeu bem rapidinho
O menino era esforçado

11

Pra saber qual era a hora
Não tinha relógio não
Era só olhar pro Sol
E apurar a visão
No seu tempo de menino
Hora era adivinhação

12

O seu pai jovem morreu
Vieram para a cidade
Sua mãe e suas tias
"Zé" tinha pouca idade
Junto com os seus irmãos
Fizeram cumplicidade

13

O menino ouvia a mãe
Que também muito amava
Tinha atenção a todos
A família considerava
Os irmãos Josefa e João
Ele deles bem falava

14

O menino já crescido
Seria encaminhado
Estudar em Canindé
Para ser bem preparado
Estudar era missão
No destino já traçado

15

Sua tia Molequinha
Sempre foi resiliente
Saiu pedindo esmola
Visitou a sua gente
Conseguindo os recursos
Ela ficava contente

16

Pra Canindé "Zé" mudou
Cinco línguas aprendeu
Além do bom Português
Onde se reconheceu
Tornou-se um poliglota
No seminário aula deu

17

Conheceu uma linda moça
E com ela namorou
Logo depois de algum tempo
Com a mesma se casou
O seu nome era Dolores
A mulher que ele amou

18

Terminando os estudos
Para o Brejo quis voltar
Alugou um grande prédio
Vindo a inaugurar
Instituto Padre Viana
Para o povo se formar

19

Ele era muito pobre
Filho de agricultor
Com toda sua vontade
Tornou-se um Professor
Deu estudo a muita gente
Educando com amor

20

O casal teve seis filhos
Neide, Giovani e João
Francisco e Aurileide
Cleide em outra dimensão
Todos foram encaminhados
Pela sua educação

21

O Instituto deu tão certo
Cada ano mais crescia
Logo passou a Ginásio
Era tudo que queria
Colégio Padre Viana
O sonho concretizaria

22

As cadeiras emprestadas
Mas ele não desistiu
Trabalhou sem se cansar
Foi honesto e construiu
Comprou móveis pro Colégio
Prédio próprio conseguiu

23

Convidado para eventos
Excelente orador
Toda a gente da cidade
Lhe tinha como mentor
Falava para o Prefeito
Padre e Governador

24

E no seu aniversário
Tinha uma renovação
Com direito a discurso
E também a oração
A noite festa no clube
Era grande a animação

25

Conversava com os alunos
Tinha a mente bem aberta
Caminhava com as mudanças
Isso era coisa certa
Gostava da juventude
Sabia que era esperta

26

O menino envelhecido
"Zé Teles" era chamado
Homem simples de valor
Professor realizado
Semeou a educação
Reconhecido e amado

27

Quando se aposentou
Não deixou de ser leitor
Folheava três jornais
Sempre com muito vigor
Se mantinha informado
Como um grande Professor

28

Nunca deixe de sonhar
Um dia você vai ver
Aquilo que desejou
Vindo a lhe favorecer
Há um tempo para tudo
Nesta vida acontecer

29

Quem estuda sempre alcança
Disso nós temos certeza
Cada livro que é lido
Deixa uma grande riqueza
Além do conhecimento
Sua cultura e beleza

30

Leia sempre que puder
A leitura é importante
Para poder se expressar
Quem sabe ser palestrante
Pois saiba que é o livro
Que te tornará gigante

31

Noventa e sete partiu
Junto de Deus foi morar
Repare nesta mensagem
Nunca deixe de sonhar
Quem luta vence na vida
Basta só acreditar

32

Se você é adolescente
Ou ainda é criança
Cultive sempre o sonho
Nunca perca a esperança
Lembre do menino "ZÉ"
Guarde sempre na lembrança

Sobre a autora: Maria de Fátima Araújo Teles é faz parte da Academia de Letras do Brasil-Ceará; Sócia efetiva do instituto Cultural do Cariri; Sócia efetiva do Instituto Cultural do Vale Caririense; Faz parte da Academia Internacional da União Cultural; Faz parte da Academia Internacional de Literatura Brasileira; Recebeu o Prêmio de Literatura Dalcídio Jurandir 2019, da imprensa oficial do estado do Pará.

Abiose II

A digníssima bondade
Arde aos que choram;
É oculta aos que sofrem.
E são os miseráveis
Que aos milagres clamam

Como as plantações:
Esperanças nascem
Mas cedo envelhecem;
As crianças morrem;
Homens se matam;

Olham-se e adoecem
No relento deste mundo
Tal infinito vieres
Mulheres que parem
E não param

Sobre o autor: Adan Soares Couto Messias é natural de Salvador-BA. No período de 2017 a 2019, realizou intervenções poéticas nos transportes públicos, de Salvador-BA, voltadas a questões sociais. No ano de 2019, vinculou-se ao coletivo local de poetas "Capitães d'Areia", que teve seu encerramento no final do mesmo ano. Em labuta solitária, inicia as atividades de Pinturas e Colagens, no segundo semestre do ano de 2020. Em 2021 aprende técnicas básicas de Entalhe. Recentemente, em um projeto inédito, concebeu a revista digital "HOMEM-LITERO". Essa é a sua primeira aparição em exercício literário.

A flacidez das palavras

E se sujeito e objeto forem a mesma coisa?
Pela intenção ou indução, a consciência está na coisa,
E a coisa está na consciência.
Que digam que a consciência está na mente!
Meu corpo, ele pensa e sente.
Minha perna pensa, minha mão pensa,
Meu dedo do pé pensa, meu ouvido pensa,
Mas minha cabeça, ela sente.
Sente tudo o que penso, pensa tudo o que sinto.
Dilata tudo o que digo, e torna flácido o que imagino.
Pensar e sentir são duas moedas da mesma face: o símbolo.
O symbolon, soberbo, inflado e voraz, almeja realizar o impossível: juntar.
Juntar num pequeno portal, uma fissura que guarda em si um vazio abissal.
Profundo, múltiplo e fluído, este vazio diz tudo e não diz nada.
Neste movimento-inerte, revolta-se o símbolo contra o mundo, e o perverte,
Dizendo por mim tudo que sinto e tudo o que penso.

Sobre o autor: Vitor Daniel Cartaxo Gomes cria pontes entre a sensação e o pensamento. Forja tais pontes nas artes plásticas, nos quadrinhos e na literatura. É autor do quadrinho "Heidegger" (2020) do projeto "Filosofia em Quadrinhos", e da coletânea de contos "Pão com Mortadela" (2020).

Amor em tempo de guerra

Aceitar
Agradecer
Perdoar o imperdoável
Esquecer a ferida e o que feriu
O que mais importa nessa vida
O que não viveu ou o que sentiu?
Vivemos nos despedindo sem despedidas
Sem viagem marcada, idas ou vindas
Sabemos que aqui estamos
Mas nunca até quando vamos
Pensamentos
Sentimentos
Emoções
Incertezas escondidas no travesseiro
Sonhos adormecidos em cama vazia
Lembrança passageira de noites e dias
Nada era tão bom
Quanto chupar manga na varanda
Ao som
Ao tom
Da poesia e maestria de amar a vida
Aquela vida que parecia bela
E era
Tão bela quanto a luz da lua
Quanto a imagem tua
No meu despertar
Quanto amor
Tanto amor
Sem saber amar
Amar
Amar

AmaR
Como não amar?
Porque não amar?
Como é o amor?
Não sei explicar
Perdão
Dei meu coração
Achei que sabia
Jurei que entendia
Pobre de mim
Pobre de nós
Grita o Amor:
Tenha amor
Doe amor
Muito amor
Só o amor pra vencer a guerra
Só o amor pra nos libertar
Amor em tempo de guerra
Pra morrer de amar.

Sobre a autora: Perla de Sousa Alves é natural de Patos-PB. Tem poemas publicados em 3 edições do Abril para a Leitura promovido pelo CCBNB de Sousa. Fez parte do projeto Poesia de Quarta, promovido pelo IFPB, campus Cajazeiras, com poemas publicados na Antologia Poética Poesia de Quarta. Participa como autora do Blog Crônicas Cariocas e Recanto das Letras.

Palavras

Não as conheço, todas.
Suas classes permitem enganar,
Aos desavisados.

Restrinjo-me a pensá-las.
Tenho medo de usá-las.
Equivocar-me.

Por compreender o seu poder,
Comedindo-me no dizer...
Valoro-as: vivendo.

Sobre a autora: Yanna Patrícia Araújo Pereira é uma paraibana que reside no Pará. Admiradora das Artes e Poetisa. Publicou em 2020 seu primeiro livro de poemas: "Solos Aéreos Ysam - Divagações Poéticas"

Salve sua majestade, liberdade interior

(I)

Voa livre, oh pensamento,
Abrigai nossas ações,
Nossas próprias decisões
Respaldadas neste intento.
Sejamos pássaro atento
E assumamos nosso amor
Ao ser que é superior,
Tamanho a sonoridade,
Salve Sua Majestade,
Liberdade interior.

(II)

Liberdade, liberdade,
Que nada nos prenda em bolhas,
Porém, que as próprias escolhas
Denotem luz, claridade,
Autonomia, vontade,
Tudo, enfim, confortador.
Sinta o eco exterior
Que exhibe efetividade,
Salve Sua Majestade,
Liberdade interior.

(III)

Ao oxigenar a alma,
Conspira a nosso favor
Esta semente do amor
Que nos invade com calma.
Que percebamos na palma
De nossas mãos esta flor

Que ousando arriscar sem dor
Descarta instabilidade.
Salve Sua Majestade,
Liberdade interior.

(IV)

Se há utopia presente
E fatos determinantes,
Fatores condicionantes,
Sejamos luz reluzente.
Que ativemos plenamente
O bom senso aparador
De gesto revelador
Que discrimine, é verdade,
Salve Sua Majestade,
Liberdade interior.

(V)

Não preguemos liberdade
Capaz de levar ao pódio
Discurso indigesto de ódio
Que ecoa incivilidade.
Rechaço toda maldade
A transmitir desamor.
Que efeito devastador,
Vou ressalvar à vontade,
Salve Sua Majestade,
Liberdade interior.

(VI)

Sinta os reflexos no agir,
Ser livre tem tudo a ver

Com a natureza do ser
E viver bem é servir
Desta empatia a fluir
Face ao pacto animador.
Proponha ser professor
Da responsabilidade.
Salve Sua Majestade,
Liberdade interior.

(VII)

Ser livre, precipuamente,
Segue em direção à lógica,
É condição ontológica
Do ser humano presente.
Complexidade patente
De perfil indicador
Do ser em si sonhador
Que expressa saciedade.
Salve Sua Majestade,
Liberdade interior.

(VIII)

No mundo capitalista,
Limita-se o decidir
Eis que até o que consumir
Vem predefinido em lista.
Ser resistência conquista
Sonho sinalizador
Contra o manipulador
Que aduba esta atrocidade.
Salve Sua Majestade,
Liberdade interior.

(IX)

O ser livre profetiza
O palpitar das canções,
Sinceramente, visões
Que o refletir concretiza.
Tudo se materializa
No colibri guiador
Que faz trafegar a flor
Nas asas da liberdade.
Salve Sua Majestade,
Liberdade interior.

(X)

Ser livre, pra concluir,
É ter consciência atenta,
Quem sabe se reinventa
O mundo com nosso agir?
Se a carapuça cair
No tocante ao malfeitor,
Há de se firmar o amor
Com sublime intensidade.
Salve Sua Majestade.

Sobre o autor: Marconi Pereira de Araújo é natural de Campina Grande-PB. É Autor de várias obras publicadas, há alguns anos vem desenvolvendo cordéis, tendo sido premiado e classificado em diversos eventos culturais. É atual conselheiro estadual de cultura, presidente da Academia de Cordel do Vale do Paraíba e Diretor Executivo da Academia Literária Virtual do Clube da Poesia Nordestina. Nas redes sociais, atua com bastante intensidade, gerenciando no Facebook a comunidade "cordel em rede", título também utilizado no Instagram. Conduz um programa na Rádio Web fenixonline.com, com idêntica denominação. Recentemente, criou o site www.marconiaraujo.com.br visando difundir ainda mais as suas construções poéticas. Dentre os seus cordéis impressos, destacam-se "A feira e suas mercadorias", "A musa do Serrotão", "O cangaço e seu significado", "Metas de família", "Sementes de Marielle: Legado de luta e resistência", "Jackson do Pandeiro: Do coco de roda a roda da vida", "A Revolução de 30", "Família em plenitude: mensagens de amor e paz", "A importância do livro".

Saudade

Vem na tarde pisando em coração,
Vem no canto da águia enlouquecida;
Estridente fervor de uma canção,
Amargura curada na bebida.

Já levou os mais fortes pra prisão,
Descendendo da dor que foi parida.
Pelo tempo jorrou a maldição,
Fecundada no útero da partida.

Com o tempo fundiu-se no calar
Da pernoite nascida de um encanto,
Nas estrelas surgindo seu penar.

Porventura, em feição de nobre canto,
Ressou no universo elementar;
A saudade invernou-se no meu pranto.

Sobre o autor: Júlio César Messias Araruna é natural do Barro-CE. É poeta e compositor e desde cedo aprecia a poesia em seus vários estilos, escrevendo cordéis, sonetos e poemas, e participando de apresentações escolares, em projetos e praças públicas.

O prélio do amor sem fim!

Faz blasonar seus ideais, efluvante retrato, em simples folha de papel.
À frente, enfrente ao excelso ímpeto dos redemoinhos e da enxurrada.
Não se deixe esmaecer. Vá avante nessa extasiante e incomensurável jornada.
Ainda que inexoravelmente, esteja justamente hoje: o sol revel.
Sua perseverança e fé, hão de voltar, e nada, inequivocamente nada!
Impedirá que o brilho da rosa encantada, domine o ambiente.
A passos largos, caminhe sobre as águas, sua impavidez está lavada.
Nesta hora, até dor empalidece, claro ela sabe: Deus é onisciente.
Eu conheço e reconheço. São tantos problemas e inimigos naturais;
Que já não encontramos tempo, nem para ouvir os próprios ais.
Avance intemerato e aprenda a arte de viver. Mas faça-o com atenção.
Conglutine amor e declare em altos brados, que o momento é de união.
E assim, levando aos olhos exauridos, os versos que componho;
Estaremos, realizando o enigmático corolário; de seu fleumático sonho!

Sobre o autor: Rosildo Barcellos é detentor das comendas; Ministro Wilson Fadul (Trabalho), Vespasiano Martins (Saúde) e Visconde de Taunay (História). Foi laureado com as medalhas do Mérito Pantaneiro, pelas atividades de preservação da cultura e História Pantaneira. Fez jus ao recebimento da Medalha Zumbi dos Palmares, pelas atividades históricas desenvolvidas em prol da igualdade racial e social, e da Medalha Francisco Anselmo de Barros pelas ações de preservação Ambiental. Agraciado com o Troféu Marçal de Souza Tupa-Y como negociador em conflitos indígenas. Homenageado pela Escola de Samba Imperatriz Corumbaense quando completou mil artigos publicados, e foi agraciado com os títulos de cidadão, nos municípios de Anastácio aonde foi secretário do CONCEX - Comitê de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes; Corumbá, aonde foi Conselheiro de Políticas Culturais, assim como de Aquidauana, Bodoquena e Dois Irmãos do Buriti, todas do Estado de Mato Grosso do Sul.

Caos, Trago e Reza

Glorificados sejam as palavras sábias
Não menosprezo, eu rezo
Rezo para que o amanhã
Deixe-me mais animado
E quando a luz do amanhecer acordar
Dou mas um trago
Fico tranqüilão, enfim tranqüilizado
Confiar e sempre está preparado
Com caminho na mente
Meu destino é uma sina
Que é seguir sempre em frente
Muito a fazer em pouco tempo
A vida é o maior barato
Mas no sofrimento tudo fica lento

Faço o que gosto
Faço o que é bom
E não o que acho
O que não me satisfaz
Não me torna capacho
Minha opinião
É formada em meus ideais
Exemplo da minha família
Que segue os seus ancestrais
Minha educação foi aditivada
Ao contrário de muita gente
Que se deixa ser usurpada
E enganada
Dessa vida
Não se leva nada irmão
Ao final das contas

Só terra na cara
É o seu pagamento
Muito lamento
Choros e velas
Mas um irmão partiu
Foi e deixou sequelas
Olhem em volta
Problemas que emendam problemas
Conturbações roubam a cena
Dilemas travam sistemas
Eu quero mais um trago
Pra ver se modifico esse tema
Captação traz a antena
Pra agilizar meu esquema
É isso aí
A vida continua
Bola pra frente
Nesse dilema.

Sobre o autor: Cicero Raelson da Silva Crispim é natural de Cajazeiras-PB. É poeta, cantor, compositor, produtor cultural e MC.

Soneto de contemplação

Moça linda de encanto radiante
És a flor do jardim do paraíso
As estrelas contemplam teu sorriso
Invejando a beleza em teu semblante

Tu que tens o encanto do luar
Que carregas as nuvens nos cabelos
Tremo, suo, suspiro só em vê-los
Os dois sóis que tu trazes no olhar

Se quiseres, te dou meu coração
Minha vida, amor e alegria
Voaremos nas asas de uma canção

Que te faças da vida, esta magia
Se estás, não me falta inspiração
Pois tu és a mais linda poesia.

Sobre o autor: Roberto Ferreira é natural da cidade de Barro-CE. É poeta de estilos diversos, compositor e idealizador de oficinas de criação literária.

A flor do dia

A flor do dia,
É acordar com a família,
De boa com a vida,
Com muita alegria.

A flor do dia também,
Pode ser a beira da praia,
Com fotos e momentos
Com a cambada.

A flor do dia também,
Pode ser na escola,
Encontrar os colegas
Desde a pré-escola.

A flor do dia,
É tudo de bom,
Que se pode encontrar
Com o amor.

Sobre a autora: Maria Fernanda Fernandes Costa Cavalcanti é poetisa e estudante.

Flores

As flores nascem
Nas angiospermas
Deixa bonita a primavera.

As flores vermelhas
Exalam o amor
As amarelas
Saudade na dor
Nas flores brancas
Encontro paz que é
Genial.

As ornamentais
São tão bonitinhas
Mas cheiro é essencial
Só nas naturais.

As flores têm nome:
Girassol, orquídeas
Bromélias, amélias
Não importa o nome
Que elas carregam
Mas o sentimento
Representado por elas.

Sobre a autora: Maria Elisa Martins Araújo Campêlo é natural de Sousa-PB. É estudante e poetisa.

Crianças entre carros

Lá fora, crianças no sinal,
O riso solto, ensolarado.
Cá dentro, a seriedade banal
E protegida no ar-condicionado.

Carros vão e vem,
São vidas apressadas.
Crianças se entretêm
No chão aconchegadas.

Lá fora o vírus da miséria,
Contagioso,
Cá dentro o vírus da empáfia,
Danoso.

Até o carro tem casa
Pra descansar do asfalto.
Na rua a criança de asa
Sonha voar alto.

Sobre o autor: Sérgio Araújo de Mendonça Filho. Tem 1 poema publicado na antologia poética "Poetize 2021" da Vivara Editora Nacional.

Vivências em tempos pandêmicos: até quando?

Pela varanda de casa penso, observo, reflito:

Até quando hein,

Até quando?

Aqui de casa vejo a cidade.

Lágrimas nos olhos.

Até quando

Vou ter que observar a rua tão vazia, tão silenciosa?

Minha Santo Amaro tão deserta?

Cadê todo mundo?

Será que estão em suas casas?

Saudáveis?

De quarentena?

Será que estão em um hospital?

Internados?

Entubados?

Cadê as crianças brincando na rua e alegrando o bairro?

As crianças sofrem

Por precisar viver e brincar em um espaço tão limitado.

As crianças sofrem

Por ter que conviver apenas em seu ambiente familiar.

Sem poder ir à escola,

A escola vai às crianças de forma remota - quando vai -

As crianças precisam

Conviver com outras crianças!

Mas não podemos permitir aproximação.

Precisamos nos distanciar para o bem maior.

Até quando hein?

Até quando?

Até quando

Iremos viver dessa forma?

Sabemos que devemos nos prevenir,

Só não sabemos

Até quando?

Até quando hein?

Sobre a autora: Patrícia de Souza Lôbo Oliveira é natural de Santo Amaro- BA. É poetisa e estudante.

Escancararam Ela

Sem portas e janelas
Já me escancararam
A sociedade composta por
Duas categorias de seres
Os gays e os pseudo-heterossexuais
A cintura da minha nuca geme
O cinza do meu coração late
O breu do meu quarto chove tristeza
A lua diz que vem, mas só vai
É minguate, é maconha na boca de pastor
É farinha no leite do bebê
É churrasco de carne seca de apanhar
E eis que já começo a delirar
Isto é o se expressar
Pedir em gritos silenciosos atenção
Ou só demonstrar revoltas e indignações
Afinal, são as duas finalidades propulsoras do existir
Meu livro sou eu
Não são aquelas páginas
Que pingam remelas sentimentais
Já me pus na promoção várias vezes
Ainda na prateleira
Já fui queima de estoque
Só olharam
O meu tamanho não para de crescer
Até a minha unha encravada
Já entendeu que eu quem mando
Quem digo ou não a hora de abrir as portas desse armário
Ora cinza, vermelha, de todas as cores
Sou uma aula inacabada de morfemas
Do teu espermatozoide quente

E é por isso que você só tem acesso
A um quarto do meu quarto,
Porque só em quartas de devaneios apresento outros cômodos.

Sobre o autor: Francisco Cleiton Limeira de Sousa é autor independente, pela Amazon, do livro "Meu Eu é Teu". É criador do Blog Poesie-se. Possui textos publicados pela LiteraLivre.

O mundo precisa de nós

A natureza é importante,
Pois sem ela não há vida.
É nossa fonte constante
De água e comida.
Dela, precisamos cuidar
Para sua existência durar
E o nosso fim não chegar.
Porque se a natureza morrer,
Nós morremos com ela.
É o que precisamos fazer,
É agir com cautela.
Fazer a população perceber
Que não pode haver espera.
O planeta está implorando
Por um pouco de compaixão
Para que vejamos sua situação
E o ajudemos nessa missão
De conscientizar a sociedade
A ter um pouco de piedade
Do mundo em que moramos.
Dele, nós precisamos.
Ajudem ele, por caridade!

Sobre a autora: Mayara Evelyn Nunes é estudante e poetisa.

Cotidiano

Cotidiano é o presente,
Ações de sempre.
O meu cotidiano começa cedo,
No pulo do desespero.
É sempre com o despertador,
Esse barulho torturador,
De que tanto sinto medo.
Depois tomo café, como o que tiver.
Vou logo ajudar em casa,
Quando acabo fico cansada.
Almoço, sinal que já vai começar a aula,
Isso certamente me deixa atordoada,
Mas logo vai acabar e eu vou poder descansar
Depois do jantar, assisto e vou me deitar,
Pois em algumas horas outra rotina vai começar.

Sobre o autor: Isabela Emanuele de Souza Brito é poetisa e estudante.

Partidas

*Dedicado àqueles que,
de uma forma ou de outra,
perderam alguém querido*

Às vezes é preciso soltar as mãos;
Soltar as asas, o canto.
Às vezes é preciso soltar o choro:
Essa ave presa nas entranhas
Ansiosa por desfrutar o alto.

Às vezes é preciso deixar ir.
É preciso deixar morrer a posse
É preciso deixar viver a sorte
De ter sem precisar possuir;
Às vezes é necessário,
Dolorosamente,
Deixar ir.

Sobre a autora: Iane de Lira Bezerra é estudante e poetisa.

Diagramado durante os dias quentes e secos de junho/julho de 2021
por um poeta teimoso, enrustado no meio de uma pedra, no seio do sertão paraibano.
Fontes utilizadas: Go Around the Books; Behind Blue Eyes; Caramba e Geosanslight.



